

# Na trilha das águas: a navegação a vapor e sua importância para as cidades piauienses no oitocentos

## On the water track: steam navigation and its importance for piauiense cities in the nineteenth century

**Andreia Rodrigues de Andrade**

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Mestra em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Graduada em História pela UFPI.

**Resumo:** Este artigo analisa a importância da navegação a vapor para o desenvolvimento urbano do Piauí na segunda metade do século XIX. Desde o período colonial, já havia a noção da importância do Rio Parnaíba para o território piauiense e a necessidade de preservar-se a costa. No fim da década de 1850, as águas do Parnaíba, através da navegação, mudaram a realidade social piauiense, pois ampliaram as possibilidades de comunicação, até aquele momento, dominada pelo uso de animais e vias terrestres. O aproveitamento fluvial trouxe a integração inter e intraprovincial, permitiu a movimentação de riquezas. A metodologia utilizada envolveu análise do jornal A Pátria, Relatórios de presidentes de província e referencial bibliográfico, composto por autores como: Chaves (2013); Freitas (1988); Gandara (2010); Mendes (2003); Nunes (2007); Rego (2013), Santana (1965).

**Palavras-chave:** Século XIX. Piauí. Rio Parnaíba. Navegação a vapor.

**Abstract:** This article analyzes the importance of steam navigation for the urban development of Piauí in the second half of the 19th century. Since the colonial period, there was already a notion of the importance of the Parnaíba River for the territory of Piauí and the need to preserve the coast. At the end of the 1850s, the waters of Parnaíba, through navigation, changed the social reality of Piauí, as they expanded the possibilities of communication, until that moment, dominated by the use of animals and land routes. The use of the river brought inter and intraprovincial integration, allowing the movement of wealth. The methodology used involved analysis of the newspaper A Pátria, reports of provincial presidents and a bibliographic reference, composed by authors such as: Chaves (2013); Freitas (1988); Gandara (2010); Mendes (2003); Nunes (2007); Rego (2013), Santana (1965).

**Keywords:** Nineteenth century. Parnaíba River. Piauí. Steam navigation.

## Introdução

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,  
E o pranto lento deslizando em fio...  
Saudade! Amor de minha terra... O rio  
Cantigas de águas claras soluçando.  
(Da Costa e Silva)

A noção da importância do Rio Parnaíba para o território piauiense já era discutida desde o período colonial<sup>1</sup>, isso foi realçado em pelo menos dois momentos, a saber: 1699 e 1789. A Carta Régia, de 1699, encaminhada ao governador de Pernambuco, recomendava que ele ordenasse ao Capitão-mor do Ceará, seu subordinado, ‘a realização de estudo sobre os rios Parnaíba e Paraim, tendo em vista o povoamento da região’. Existia a preocupação com a defesa da costa piauiense, assim foi proposta a construção de uma fortificação em Parnaíba, mas tal edificação não foi realizada. No ano de 1789, João de Amorim Pereira, então governador da Capitania do Piauí, dirigiu uma missiva à Metrópole reconhecendo a vantagem de deixar anavegação do rio Parnaíba desobstruída dos “estorvos que até agora desanimam o comércio, a fim de se fomentar a agricultura, fazer crescer a indústria e promover a abundância de todos os produtos”. (MENDES, 2003: 39-67)

A pecuária não tinha, no Rio Parnaíba, no transporte ou mesmo na construção e manutenção de estradas, algo essencial para seu funcionamento, tendo em vista que os caminhos usados pela atividade pecuarista eram abertos pelo próprio gado, os quais foram mantidos por muito tempo. (SANTANA, 1965: 94) Assim, “perduravam no Piauí as mesmas trilhas, que no período colonial, ligavam entre si as fazendas, as mesmas veredas abertas pelos vaqueiros e boiadeiros na labuta cotidiana”. (NUNES, 2007: 166) Isso, segundo Felipe Mendes (2003: 67) foi um dos motivos pelos quais a economia piauiense não utilizou o Rio Parnaíba para integrar-se ao restante do território. Algo que só ocorreu no fim do século XIX e início do XX, em que ocorreu mudança nas atividades econômicas. Para Odilon Nunes, “a função histórica do rio Parnaíba seria outra, se outra tivesse sido a colonização do Piauí, cujo comércio, exclusivamente de gado, se fazia por via terrestre, em feiras longínquas, nas capitânicas limítrofes”. (NUNES, [1972]: 26) No século XIX, as questões ligadas aos transportes e a comunicações se tornaram mais intensas, e o transporte fluvial ganhou atenção especial dos dirigentes públicos. Aliás, conforme define (GANDARA, 2010: 134) desde os primórdios da colonização as vias fluviais foram essenciais para a penetração no território.

## O desenvolvimento através das águas

Na segunda metade do século XIX, as águas do Parnaíba, através da navegação, mudaram a realidade social piauiense, pois ampliaram as possibilidades de comunicação – até então dominada pelo uso de animais e pedestres. O aproveitamento do Rio Parnaíba trouxe a integração

1. Naquele momento havia navegação marítima ligando o Piauí ao Maranhão e ao restante do Brasil, os navios preferencialmente penetravam no Parnaíba pela barra da Tutóia. Algo que teria ocorrido até a década de 30, do século XIX. (NUNES, 2007, p. 131)

inter e intraprovincial, permitiu a movimentação de riquezas. Tendo em vista que:

[...] as vias de ligação entre povoados, vilas e cidades não passavam de caminhos, mais largos ou mais estreitos, dependendo da intensidade de sua procura, dando passagem a mascates com suas tropas de burros. Tão precários eram estes caminhos que as correspondências e encomendas demoravam meses até chegar a seu destino. [...] Os caminhos vicinais ligavam fazendas, sítios e povoados no interior piauiense. (NUNES; ABREU, 1995: 94)

Os discursos e desejos de efetivar a navegação fluvial do Parnaíba foram constantes durante o século XIX, sobretudo a partir de 1850. Apesar do pouco uso do rio Parnaíba, os documentos analisados, a exemplo das mensagens governamentais, demonstram o interesse dos presidentes da Província em desenvolver a navegabilidade do rio, fato que contribuiria também para o desenvolvimento da agricultura. Havia, segundo Felipe Mendes, a compreensão de que o rio Parnaíba deveria ser o norteador da economia piauiense. (MENDES, 1995: 67)

José Ildefonso Sousa Ramos, em 1844, mostrou-se surpreso quanto ao fato de os habitantes do Piauí não aproveitarem as águas de um dos maiores rios do Brasil e enfatizou a necessidade dos investimentos dos transportes e dos meios de comunicação, para o desenvolvimento do Piauí. Para ele, os dirigentes públicos deveriam priorizar a navegação do rio Parnaíba, por meio de barcas movidas a remos e a varas, seguindo o exemplo da praticada no rio Itapecuru. (PIAUHY, 1844: 42) Deste modo:

Na classe dos melhoramentos materiais devem figurar em primeiro lugar as estradas, pontes e navegação dos rios do interior da Província, isto é, os meios de sua comunicação, que formam a sua necessidade. Pouco importará que seja a Província abundante em seus produtos, se não poder expô-los a venda. (PIAUHY, 1844: 42)

A navegação do rio Parnaíba estabeleceria a comunicação entre o Gurgueia e o Oceano Atlântico. Com isso seriam viabilizadas a exportação e as receitas ao tesouro público, pois no entorno do rio, existiam caminhos de muitas léguas de terras com: “um terreno de mais de 200 léguas de extensão, rico de madeiras, abundante de gados, e fértil [...]” (PIAUHY, 1844: 38) Deste modo, por meio da navegabilidade do Rio Parnaíba, seriam solucionados os problemas de comunicação existentes no Piauí. Haveria, além disso, uma elevação do valor dos gêneros produzidos na Província, sobretudo o gado – principal fonte de receita dos cofres provinciais. A lei nº 129 sancionou a navegação do Parnaíba e autorizou o presidente da Província a conceder o seu privilégio exclusivo a qualquer companhia, por um período de 25 anos para estabelecer a navegação a vapor. Infelizmente, a referida lei foi inexecutável. A respeito de uma legislação sobre a navegabilidade do rio, José Ildefonso de Sousa Ramos avança que a mesma deveria ser providente em suas disposições e deixar largas a um regulamento executável.

Através do aproveitamento do rio, os gêneros produzidos pelo Piauí adquiririam o valor que até aquele momento não tinham para a exportação, pois seus preços no mercado não cobriam sequer as despesas de locomoção. Relativamente à pequena agricultura, o algodão poderia ser transportado pelo rio, mas era produzido em pequena quantidade. A sua produção estendeu-se por quase todo o período colonial, foi usado no fabrico de redes, tecidos e roupas para a maior

parte da população. Depois da Independência, ocorrida em 1822, foi inserido no comércio, juntamente com o fumo, momento em que passou a fazer parte dos tributos do fisco. (REGO, 2013: 70; NUNES, 2007: 188)

Zacarias de Góis e Vasconcelos, em 1845, ressaltou a importância da navegabilidade do Rio Parnaíba para o Piauí, haja vista que a mesma seria capaz de mudar a face da Província, pois traria a riqueza e a prosperidade de que o Piauí tanto necessitava. Não obstante, reconhecia que a Província ainda não tinha recursos suficientes para realizar esse empreendimento. Portanto, uma solução inicial seria o uso de barcas – como as que já haviam existido –, mas, infelizmente, se arruinaram com a Balaiada, e, ainda, a cobrança de impostos na passagem do rio Parnaíba tanto na margem do Piauí quanto na do Maranhão. Segundo Zacarias de Góis e Vasconcelos, as barcas ofereciam uma passagem menos perigosa do que as canoas para as pessoas que tivessem que atravessar o rio. Além disso, as boiadas vendidas para o Maranhão começavam a dar prejuízos aos seus donos no momento da travessia do Rio Parnaíba. Para ele, não haveria oposições ao pagamento dos pequenos impostos para a travessia do rio.

O Rio Parnaíba banhando toda a parte setentrional da Província, desde os seus limites com Goiás, na comarca de Parnaguá até a cidade de Parnaíba, com um curso navegável de mais de duzentas léguas e confluente como o Gurgueia, o Canindé, que cortando a província em diferentes direções se prestam, o primeiro em todas as estações e o segundo na internada – a uma navegação sumamente proveitosa. (PIAUHY, 1851: 33-34) No que tange à navegação do Rio Parnaíba, José Antônio Saraiva aventou que ela era imprescindível e, também, o primeiro passo para o aumento do comércio, da agricultura e da indústria:

Sabeis, Senhores, que o desenvolvimento da navegação supõem o desenvolvimento em certo grau das forças produtivas de um País. Sem que a agricultura, sem que a indústria, sem que o comércio tenham começado as suas operações, é possível a navegação. Ela vem após d'aquela fato, e depois o anima, lhe dá forças maiores, e recebe d'ele todo o seu desenvolvimento.

Nós já chegamos a esse primeiro período. Nós já temos uma agricultura à margem, que começa a florescer; temos um comércio tutelado, é verdade do Maranhão; porém capaz de emancipar-se d'ele, se forem removidos os embaraços, os obstáculos, que se opõem a seu progresso.

É pois combatendo os obstáculos, que desviam as pequenas forças produtivas da Província de seu curso natural e as leva a alentar o comércio, e a navegação de outra Província, que nós chegaremos a encetar os grandes melhoramentos do Piauí, à navegação do seu rio.

E, falando a linguagem dos fatos, fazendo descer pelo Parnaíba os algodões, os couros, e mais produtos da Província, e não pelo Itapecuru, que nós chegaremos a dar as formas produtivas da Província a direção, que lhe é conveniente. Será isso uma cousa que se possa realizar sem o poderoso auxílio da administração? – Não o creio.

É mister portanto que eu e vós, Senhores, estejamos à margem daquele rio, e não vivamos a dezenas de léguas, n'estes sertões, uma vida estéril para os mais importantes melhoramentos materiais da Província. (PIAUHY, 1851: 34-35)

José Antônio Saraiva entendia que eram incalculáveis as vantagens advindas da exploração do Parnaíba, e essa proposição estava, para ele, intrinsecamente ligada à mudança da capital. Para José Antônio Saraiva, era mais relevante gastar com a navegação do que dispendar proventos improdutivamente com os melhoramentos nas estradas da Bahia e do Maranhão. Posteriormente,

encabeçou a transferência da capital, com a justificativa de que ela impulsionaria a navegação. (PIAUHY, 1851: 35; NUNES, 2007: 131) Fator indispensável para o desenvolvimento piauiense, a navegação do rio Parnaíba após a transferência da capital para Teresina, passou a ser mais discutida. Aliás, a localização de Teresina à beira-rio Parnaíba, mostrou-se um estímulo ao início da navegação a vapor. Esta era uma medida de primeira necessidade para a economia piauiense, a qual lhe traria benefícios.

Contudo, para o desenvolvimento da navegação se fazia necessário o financiamento imperial e provincial, ou de empresários dispostos a investir capitais nessa iniciativa. Isto só seria viável se houvesse mercadorias para ser transportadas até a cidade de Parnaíba, por via fluvial, rota que não se aplicava ao gado e ao algodão. Ainda que houvesse excedente de mercadorias, o mercado interno sofria com o alto preço dos transportes, que na maioria das vezes, superava o preço da mercadoria. Entretanto, o aproveitamento do rio estava dissociado da função econômica que se apresentava como um empecilho para a navegação. Era imprescindível convencer os comerciantes locais para a relevância de seu uso. Em 1851, eles encaminharam um pedido a José Antônio Saraiva, cujos membros eram José Coelho de Miranda, José Francisco de Miranda Osório e um representante da firma inglesa *Andrew Miller & Co*, além de outros, solicitando a reabertura do Canal do Igararaçu, então, obstruído por bancos de areia. A falta desse canal provocou vários prejuízos, como exemplo: da perda de brigues ingleses, dois deles pertencentes ao inglês Andrew Miller, perderam-se. (REGO, 2013: 70-71) Os comerciantes parnaibanos tinham conhecimento da importância do uso das águas do Parnaíba, posto que:

[...] a cidade era entreposto natural da Província, pois tinha um porto fluvial que precisava de ligação com a produção do interior e um porto de mar para escoamento da produção para o restante do Brasil e para o exterior. Os parnaibanos cobravam das autoridades solução para os problemas que atravancavam a chegada e a saída de mercadorias a seus portos. Estavam inclusive dispostos a resolver sozinhos o problema. (REGO, 2013: 71)

O governo imperial envidou esforços para fomentar a navegação a vapor, porque estava claro que o desenvolvimento nacional dependia de um sistema fluvial com efetivo funcionamento. Assim, para a produtividade desse setor, necessitava-se de investimento financeiro, melhoria da navegação dos rios do território nacional e subvenção a empresas de navegação fluvial. Para tanto, estudos eram importantes, com o fito de conhecer os rios, por exemplo, no caso do Parnaíba, pesquisas foram desenvolvidas antes da implantação da navegação a vapor. A título de exemplo, segundo Gercinair Gandara, estão: o ofício n. 5 de 08 de julho de 1853 (relatório sobre o Parnaíba para navegação de barcos a remo e a vapor e exame da Barra do Igaracu); Ofício de 05 de maio de 1854, enviado ao ministro do Império, sobre o relatório de João Nunes Campos no rio Parnaíba, da Barra do Igaracu até Teresina, a fim de conhecer a navegabilidade do rio; Ofício de 19 de dezembro de 1855, com análise da boca do Igaracu até as Canárias e até a barra de Amarração. (GANDARA, 2010: 149) O Decreto n. 632, de 18 de setembro de 1856, tinha a finalidade incentivar a navegação a vapor. Houve um contato entre o governo imperial e os presidentes de Província, visconde de Monte Alegre – Ministro do Império, escreveu ao Presidente do Maranhão sobre a incorporação de uma ou mais companhias para assumirem a

navegação entre as províncias do Norte.

Os dirigentes públicos empregaram esforços em prol da navegação da Parnaíba, através de medidas variadas. Em fevereiro de 1853, o presidente da Província do Maranhão, executando uma determinação do Ministro da Marinha – visconde de Monte Alegre, de 03 de dezembro de 1852, encaminhou o brigue escuna Andorinha para analisar as barras do rio Parnaíba, e apresentar delas estava apropriada para receber o porto de escala dos vapores da companhia de navegação que se intentava criar.<sup>2</sup> Neste caso, a localidade aventada pelo Tenente Pedro Tomé de Castro Araújo como adequada para receber o porto foi Amarração – mais próximo de Parnaíba. No ano de 1854, o então presidente da Província, Antônio Francisco Pereira de Carvalho<sup>3</sup> apresentou sua opinião sobre a navegação, para ele, o rio guardavaem si um livro em branco, em que seria escrita a história desta província, em relação à sua prosperidade e grandeza futura, e “só o entregará ao 1º vapor, que sulcar as suas águas e subjugar a sua corrente!” O vapor traria a civilização e riqueza e vitalidade para a Província, que destituída de meios de transportes jazia morta, sem possibilidades de desenvolver os elementos de sua grandeza. (PIAUI, 1854: 17)

Durante o mandato de João José de Oliveira Junqueira<sup>4</sup>, em 1858, foi criada a Companhia de Navegação do Rio Parnaíba, com o fito de desenvolver serviços contínuos, de navegação entre Teresina e Parnaíba, passando pelos portos intermediários de União e Repartição. João José de Oliveira Junqueira fez uma reunião, na noite de 4 de outubro de 1858, no Palácio do Governo, com alguns dos homens abastados da capital, para tratar da criação da Companhia de Navegação a Vapor do Parnaíba. (CHAVES, 2013: 66) Foram recebidas mais de trezentas assinaturas para as ações, que seriam de 100\$000. Mas os opositores do governo não foram convidados para o encontro, apesar disso, “Alguns deles eram os pais da ideia, com capacidade financeira e administrativa para cooperarem valiosamente na vitória do empreendimento”. (CHAVES, 2013: 66) Então, foi marcada outra reunião, na noite de 6 de outubro, para a qual estavam convidados os homens teresinenses com posses, sem distinção de partido. Todavia, alguns dos nomes, excluídos na primeira reunião, não compareceram à segunda, outros – 2 ou 3 – mandaram fazer sua inscrição, a exemplo de Deolindo Mendes da Silva Moura<sup>5</sup>, que fez a maior inscrição da lista, com 50 ações.<sup>6</sup> Como resultado dessa reunião, ficou estabelecido um plano que tinha como

2.O Parnaíba se lança no mar através de seis barras ou embocaduras: Igarapu, Velha, do Meio, do Caju, das Canárias e Barra de Tutóia. A barra das Canárias foi preterida – embora fosse a mais funda – porque lá os navios chegavam longe da cidade e as cargas atravessavam légua e meia por terra, e no inverno é quase impraticável. REGO, 2013, p. 74.

3.Presidiu o Piauí de 5 de dezembro de 1853 a 9 de agosto de 1855.

4.Presidiu a província do Piauí de 10 de junho de 1857 a 30 de dezembro de 1858.

5.Filho de José Luís da Silva – cirurgião-mor do exército e de Raimunda Ferreira do Nascimento. Nasceu na cidade de Oeiras, em 5 de fevereiro de 1835. Estudou na Escola da Boa Esperança, do padre Marcos de Araújo Costa. Em 1851, foi para Pernambuco, chegou a Olinda a 22 de março daquele ano. Formou-se em Direito, a 3 de dezembro de 1857. No dia seguinte, embarcou para Teresina, onde chegou a 25 de dezembro, às 22:30 da noite. Por decreto de 13 de novembro foi nomeado procurador fiscal da Tesouraria da Fazenda. Foi deputado Provincial por três vezes. Em dezembro de 1863, foi nomeado inspetor da fazenda provincial, pelo vice-presidente da província, Dr. Antônio de Sampaio Almendra. Foi gerente e também diretor da Companhia de Navegação do rio Parnaíba. Casou-se com Maria Henriqueta Viana de Noronha Moura, em 20 de maio de 1861, com quem teve cinco filhos. Faleceu a 22 de outubro de 1872. CASTELO BRANCO, 2012: 151-153.

6.A primeira diretoria, provisória foi composta por: Tomás de Aquino Osório, Deolindo Mendes da Silva

objetivo precípua evitar que a Companhia fosse beneficiada por incorporadores:

1º – que se criassem comissões nos municípios para agenciarem assinaturas; 2º – que devendo ser o fundo da Companhia de 150:000\$000 em (1.500) ações, logo que estejam distribuídas, ou hajam assinaturas para 800 ações se deverá incorporar a Companhia; 3º – que dado este caso se reunirão ao acionistas em assembleia geral para elegerem uma diretoria, e esta cuidar do contrato com a Presidência; 4º – que preliminarmente ficava estatuído ter o assinante de duas ações um voto e nesta razão até dez, não se concedendo mais de dez votos, qualquer que fosse o número de ações tomadas; 5º – que a assembleia geral se constituiria com a terça parte dos votos das ações tomadas. CHAVES, 2013: 67)

O governo imperial já havia expedido a ordem de 15 de setembro de 1858 – a pedido de João José de Oliveira Junqueira - em que se responsabilizou por enviar dois contos de réis mensais para a Companhia.<sup>7</sup> João José de Oliveira Junqueira, após ponderar acerca dos estudos sobre o rio, obteve autorização de José Antônio Saraiva – na ocasião Ministro da Marinha – e encomendou o vapor Uruçuí, no Rio de Janeiro, nos estaleiros da Ponta da Areia, de propriedade do Conde de Mauá. O vapor custou quarenta e nove contos de réis, o pagamento foi feito com recursos públicos e particulares. João José de Oliveira Junqueira começou os preparativos para receber o vapor Uruçuí, iniciou com a limpeza do rio, para tanto, foi composta uma equipede homens livres e escravos, sob a supervisão de Diego dos Santos Cardoso. O combustível também foi providenciado, tratava-se de 50 toneladas de carvão. O vapor deveria usar carvão de lenha. Esse deveria vir da Inglaterra. A empresa responsável pela importação foi uma firma de Liverpool (Inglaterra), a Singlehurst Nicholson & Cia., com sede em Parnaíba, do proprietário Paul Robert Singlehurst.

A 9 de novembro de 1858, o vapor Uruçuí partiu do Rio de Janeiro – sob os olhos do ministro da Marinha, senadores, deputados e pessoas ilustres da capital do Império, para o Piauí, comandado pelo Tenente da Armada, Álvaro Augusto de Carvalho. O vapor chegou ao porto de Amarração e atracou em Parnaíba em 31 de março de 1859, onde ficou até 7 de abril, quando partiu para Teresina, fundeou em vários portos antes de chegar à capital: ilha de São Paulo, Pintadas, Malhada Alta, Barra da Corvina, Repartição, Currálinho e União, de onde saiu para Teresina, às 6h da manhã de 19 de abril e chegou à capital, às 15h.<sup>8</sup> De acordo com Monsenhor

---

Moura e Simplício Sousa Mendes. A 5 de dezembro, foi marcada uma reunião para tratar da organização dos estatutos da Companhia, que passariam pelo crivo do Governo Imperial. A diretoria provisória fez um projeto de estatutos, que foi discutido por títulos na Assembleia e aceito. Foram também escolhidos os acionistas que iriam administrar os recursos da Companhia. A assembleia foi formada por 211 de 382 votos em 1.001 ações passadas a 101 acionistas, incluindo 22 de Oeiras. Foram eleitos: Cândido Gil Castelo Branco (Presidente), com 114 votos; e os secretários, Deolindo Mendes da Silva Moura (Secretário), com 179 votos e o tenente-coronel José Maurício da Costa Pestana, com 110 votos. Em 8 de maio de 1859 a assembleia geral voltou a se reunir, presidida pelo capitão Lourenço Antônio Marreiros Castelo Branco, e os diretores: cel. José Cândido de Aguiar, major José Araújo da Costa, capitão José Ferreira de Vasconcelos, Simplício de Sousa Mendes e o tenente Firmino Alves dos Santos. Como presidente, foi eleito o major Araújo Costa. No dia 9 de maio foi nomeado o gerente da Companhia o tenente-coronel José Maurício da Costa Pestana. CHAVES, 2013: 66-68.

7.O reconhecimento imperial ao funcionamento da Companhia de Navegação a vapor ocorreu com o decreto 2.974 de 16 de setembro de 1862.

8.Segundo Nunes, a viagem pelo litoral não foi tranquila e o Uruçuí esteve prestes a perder-se. Logo após sair do Rio de Janeiro, fundeou-se na enseada de Búzios no dia 10 de novembro, onde alcançou Macaé. Em seguida, fundeou na Ilha de Santana, Itapemirim, Guarapori e depois Vitória, onde chegou às 14h e 30 min do dia 19/11. De onde partiu para Caravelas, Morro de São Paulo, e em Salvador às 2h da manhã de 26 de dezembro, onde

Chaves: “Era um barco bonito, bem construído, deslocando 80 toneladas. Tinha casco de ferro, máquinas de baixa pressão, força coletiva de 24 cavalos, 126 pés ingleses de comprimento na linha d’ água, 14 de boca na caverna mestra, 5 e 3 polegadas de pontal e 21/2 pés de calado”. CHAVES, 2013: 68) O Uruçuí inaugurou a navegação a vapor no Piauí, “para tantos um sonho irrealizável”. A população teresinense ficou em festa para receber o vapor. Com longos silvos e penetrando lentamente as águas do rio e deixando para trás uma esteira de brancas espumas, o Uruçuí chegava a Teresina e, majestosamente, ancorava em frente à Praça da Constituição.<sup>9</sup>

Não há como descrever o frenesi que se apoderou de toda a cidade. Os sinos do Amparo batiam a rebate, foguetes estouravam por todos os lados e uma imensa mole humana corria pressurosa para o rio, descendo por toas as ruas. Até os aleijados e doentes, carregados em redes por escravos, demandavam o rio, apressados para verem de perto aquilo que mais lhes parecia um sonho. De fato, para muitos espectadores aquele gigante de ferro, daquele tamanho, boiando n’água, constituíam enigma insolúvel. Era preciso ver para crer.

Não houve mais como conter a multidão. O entusiasmo apossou-se do povo, e a noite entrou sulcada de passeatas, batuques, sambas, cachaçadas e comentários de rodinhas de famílias, que se prolongaram por toda a madrugada.

E era plenamente justificável toda aquela alegria. O povo sabe sentir nas grandes horas e sabe vivê-las. Aquele barco determinaria uma sensível mudança na vida da cidade, nos hábitos da população, na própria economia da Província. Dali em diante muita coisa se faria de modo diferente. (CHAVES, 2013: 69)

O Uruçuí foi anexado à companhia em 15 de maio de 1859, através de um contrato entre a Província e a companhia, de acordo com o qual seriam repassados anualmente quarenta e oito contos de réis aos cofres públicos. Além disso, a Companhia assumiu a obra de desobstrução de certas partes do rio, da construção de escritórios e armazéns, da montagem de uma fundição, uma oficina de marcenaria, compra de máquinas para serraria e tornos. (NUNES, 2007: 180)

No dia 11 de junho 1862, o vapor Uruçuí saiu, pela primeira vez, para Amarante, antigo porto de São Gonçalo. Levava a bordo o engenheiro José Pompeu de Albuquerque Cavalcante, incumbido de estudar, embora perfunctoriamente, o estado do rio, sua profundidade, obstáculos, cachoeiras e apresentar um relatório das suas observações, bem como da viagem, proveitos ou prejuízos desta. A viagem teve bons resultados e ocorreu em menos de três dias. Reunindo-se a assembleia geral dos acionistas, em 31 de julho de 1862, o presidente Dr. Fernandes Moreira fez-lhes sentir a impossibilidade de serem cumpridas, pela presidência, as condições a que se obrigara, pelo contrato de 22 de setembro de 1859. Apesar de ter sido reduzida a 2.000\$ a subvenção mensal de 3.000\$000 durante os dois anos que findavam; exatamente, no mês de julho, a província não pudera honrar seus compromissos, senão emitindo apólices no valor de 20.000\$000, no preço do vapor Uruçuí. Não obstante, isto ficava ainda a dever a quantia de

---

sob as ordens do presidente da Província da Bahia, foi rebocado pelo vapor Itajaí. A 12/02/1859, partiu para Pernambuco, onde ficou até 20/03. Chegou à Paraíba a 21/03, no dia 22/03 em Rio Grande, 24/03 Ceará, 28/03 em Jericoacoara, chegou a Amarração às 16h. NUNES, 2007: 145 e 146; GANDARA, 2010: 157. CHAVES, 2013: 69.

9. De acordo com Monsenhor Chaves (1998: 68): Era um barco bonito, bem construído, deslocando 80 toneladas. Tinha casco de ferro, máquinas de baixa pressão, força coletiva de 24 cavalos, 126 pés ingleses de comprimento na linha d’ água, 14 de boca na caverna mestra, 5 e 3 polegadas de pontal e 21/2 pés de calado.

12.000\$000, importância de subvenções recebidos e não pagas. (FREITAS, 1988: 190-191)

O Uruçuí teve papel importante na navegação do Parnaíba, destaca-se que por um período de nove anos ininterruptos, navegou de norte a sul, com atividades de transporte de passageiros, reboque de barcas cheias de mercadorias até os portos de escala, infelizmente, em 1867, o vapor naufragou na Coroa da Aurora.<sup>10</sup> Houve transtornos para a navegação do referido vapor no Rio Parnaíba, visto que ele não foi planejado para a situação existente no rio, pois “além de ser muito comprido e calar mais água do que conviria, não tinha o eixo partido e não podia dar com facilidade as voltas do rio”. (FREITAS, 1988: 189)

Os discursos em torno do desenvolvimento da navegação como vetor de prosperidade para o Piauí são recorrentes nos documentos pesquisados, isso pode ser visualizado, dentre vários exemplos, no relatório governamental de 1860. Naquele momento, o presidente da Província Diogo Velho de Albuquerque<sup>11</sup>, mencionava que o progresso da Província e de Teresina dependiam da navegação a vapor, esta deveria ser auxiliada pelos cofres provincial e geral, o presidente enfatizava ainda que a Companhia de Navegação encontrava-se em “lisonjeiro aspecto e promete duração”. (FREITAS, 1988: 188)

N.º 3 A.

**MAPP**

**DAS EMBARCAÇÕES MERCANTES NACIONAES, E ESTRANGEIRAS, ENTRADAS NO PORTO DESTA CIDADE, NOS PASSADOS MEZES DE FEVEREIRO A MAIO CORRENTE DE 1864, E SUAS PROCEDENCIAS.**

MEZES.	Dias de entrada.	Qualidade das embarcações.	Nação.	Nomes.	Portos de que vem.	Dias de viagem.	Tripulação livre.	Tripulação escr.	Tonelladas.	Preço a que se vendeu.	Carregamento.
Fevr.º	3	Patacho	Brasileiro	Maria	Maranhão	5	5	4	114		Maranhão
«	6	Hyate	Americano	R. B. Sumner	Cayenna	14	11	0	134		Salem
«	12	Vapor	Brasileiro	Camossim	Maranhão	2	28	2	140		Maranhão
«	13	Hyate	«	Novaes	«	5	12	0	195		«
«	15	«	«	Rosa	«	5	8	2	120		«
«	15	«	Americano	Youny. Amer.ºº	Cayenna	13	10	0	142		Newport
«	25	Vapor	Brasileiro	Camossim	Ceará	2	26	2	140		Maranhão
Março.	8	Hyate	Americano	R. B. Sumner	Cayenna	14	10	0	134		Salem
«	10	Patacho	Brasileiro	Maria	Maranhão	5	5	4	114		Maranhão
«	11	Vapor	«	Camossim	«	2	26	2	140		«
«	17	Hyate	«	Rosa	«	5	9	2	120		«
«	20	«	«	Novaes	Cayenna	12	11	0	195		«
«	22	Vapor	«	Camossim	Ceará	3	26	2	140		Div. generos.
«	22	Lugre	«	Theresina	Liverpool	34	13	0	284		Liverpool
«	31	Hyate	Americano	Youny. Amer.ºº	Cayenna	11	10	0	142		Newport
Abril.	11	Vapor	Brasileiro	Camossim	Maranhão	4	26	2	140		Maranhão
«	12	Patacho	«	Maria	«	5	5	4	114		«
«	13	Culter	«	Voador	Acaraçú	8	4	0	143		Paracurú
«	17	Hyate	«	Novaes	Cayenna	14	11	0	195		Maranhão
«	17	«	Americano	R. B. Sumner	«	19	9	0	134		Salem
«	22	Vapor	Brasileiro	Camossim	Ceará	3	26	2	140		Maranhão
«	22	«	«	Urussuhy	Maranhão	8	20	0	80		Theresina
«	26	Hyate	«	Rosa	«	5	9	2	120		Maranhão
Maio.	5	«	Americano	Youny. Amer.ºº	Cayenna	13	10	0	142		Newport
«	12	Vapor	Brasileiro	Camossim	Maranhão	2	26	2	140		Maranhão

Figura 1: Mapa das embarcações mercantes nacionais e estrangeiras, entradas no porto de Teresina de fevereiro a maio de 1864. Fonte: PROVÍNCIA DO PIAUÍ. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Piauí na sessão extraordinária de 1864 pelo 2º Vice-presidente o Dr. Antônio de Sampaio Almendra*. Teresina: Tipografia Progressista, 1864.

A estabilidade da navegação do Rio Parnaíba foi mais marcante a partir de 1865, com a aquisição do vapor Conselheiro Paranaguá, o qual adentrou na barra de Amarração em 29 de janeiro de 1865.<sup>12</sup> O objetivo de sua compra foi suprir as necessidades do transporte de

10. Em chegou o casco do vapor “Parnaíba”, do mesmo tamanho do “Piauí”, para ser colocada a máquina do Uruçuí.

11. Governou a província do Piauí de 5 de novembro de 1859 a 16 de maio de 1860 (vice-presidente).

12. Sua força era de 40 cavalos, calava 3 2/8 palmos. Tinha marcha de 12 milhas, rio abaixo, e 8, rio acima, por hora, com uma lotação de 98 toneladas; seu comprimento 95 pés, sobre 23 largura e 5 de pontal. FREITAS, 1988: 221.

mercadorias. Em 1868, o terceiro vapor, feito com dimensões mais adequadas às condições de navegação do rio Parnaíba do que os demais da companhia. Tal navio tinha força suficiente para rebocar duas barcas. A sua encomenda ocorreu por intermédio dos negociantes Laurindo de Oliveira & Cia do Maranhão. O preço era 2.900 libras esterlinas e já tinha sido pago 1:300 libras.<sup>13</sup> Suas peças foram importadas da Inglaterra, a sua montagem ficou a cargo do engenheiro João Robertson. A primeira viagem de experiência foi feita em 24 de janeiro de 1869 em que as máquinas funcionaram regularmente durante uma hora, percorreram-se cerca de duas léguas distante da capital. (FREITAS, 1988: 220)

Em 1867, o presidente da Província Adelino de Luna Freire<sup>14</sup> encarregou David Moreira Caldas<sup>15</sup> de fazer uma viagem de estudo pelo rio Parnaíba, em que foi desenvolvido o Relatório de viagem feito de Teresina até a cidade de Parnaíba, inclusive todo o seu delta. Para ampliar a navegação do Rio Parnaíba, em 1868, o presidente da Província Augusto Olímpio Gomes de Castro<sup>16</sup> incumbiu o engenheiro alemão Gustavo Luiz Guilherme Dodt, a serviço do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de elaborar a planta do Rio Parnaíba de sua cabeceira até a foz. Augusto Olímpio Gomes de Castro esclareceu que tinha a intenção de estender a navegação a vapor até onde o rio fosse navegável: “com este intuito ordenei o levantamento da carta do Parnaíba, incumbindo este ao hábil e laborioso engenheiro Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt, que estou certo, o desempenhará com a sua reconhecida proficiência”<sup>17</sup>. A navegabilidade no Parnaíba era irregular e apenas certos pontos de curso tinham uma navegação estável, nos demais, era mister fazer a limpeza ou conservação, em certas partes, obras de desobstrução, que exigiam gastos mais elevados.<sup>18</sup> Para efetivar a navegabilidade do Rio Parnaíba, era imprescindível:

[...] regularizar o rio ou dar-lhe regime fixo, isto é, pô-lo em estado de permanência tal, que as suas margens nunca sofram a ação erosiva da água e o seu leito tenha sempre uma profundidade suficiente para a navegação. O rio, de maio a outubro, apresenta-se com pouca água em inúmeros trechos de

13. A força do Piauí era de 30 cavalos, calava 3 palmos d'água. Tinha uma macha de 60 milhas por hora, rio abaixo e 6, rio acima; sua lotação era de 98 toneladas, com 95 pés de comprimento, 23 de largura e 5 de pontal. FREITAS, 1988: 214-221.

14. Presidiu a província do Piauí de 5 de outubro de 1866 a 5 de novembro de 1867.

15. Nasceu a 22 de maio de 1836, na vila de Barras. Filho do Capitão Manuel Joaquim da Costa Caldas e Manuela Francisca Caldas. Foi professor de Geografia e História no Liceu Piauiense, em fins da década de 1860 e início da década de 1870. Foi deputado provincial pelo Partido Liberal (1868-1869). Poeta e jornalista. Atuou em jornais como: *A Imprensa*, *O Amigo do Povo*, *Oitenta e Nove*, *O Papiro* e *Ferro em Braza*, entre as décadas de 1860 e 1870. (CHAVES, 2013: 469-472; ARAÚJO, 2013: 13)

16. Presidiu a província do Piauí de 28 de agosto de 1868 a 3 de abril de 1869.

17. FREITAS, 1988, p. 220. Do estudo de Gustavo Dodt resultou um relatório no ano de 1871, em que o engenheiro determinou e descreveu as nascentes do rio, para ele, o “rio Parnahyba nasce de dous olhos d'água ao pé da serra da Tabatinga, que também é denominada às vezes Tungatinga ou Mangabeira. Compete com mais exactidão à chapada que forma a continuação daquela serra ao poente das cabeceiras do Riosinho, que é um confluente do Parnahybinha, como este do Parnahyba. Nas cabeceiras de uma destas baixas, bem ao pé do talhado da terra, em terreno enxuto, coberto em parte do pedregulho e das pedras soltas, com um mato rasteiro e muito trançado (carrasco) nasce o Parnahyba de dous olhos d'água”. (DODT, 1872).

18. Na parte entre a Chapada das Mangabeiras e Santa Filomena, a navegação é inviável em virtude das cachoeiras. No trecho de Santa Filomena até Uruçuí havia a possibilidade de tráfego para embarcações de até 0,70 m de calado, enfrentando os empecilhos decorrentes da estiagem e das corredeiras. De Floriano ao início do Delta, em uma extensão de aproximadamente 750 km, com condições de navegabilidade, com embarcações de calado máximo de 1,50m. REGO, 2013: 72.

seu leito de cascalho e pedra, de perigoso arriscar. (MIRANDA, 1938: 64)

Durante o período chuvoso, o rio Parnaíba tinha um acentuado aumento no curso das águas e na velocidade. No ano de 1871, o então presidente da Província, Manoel do Rego Barros Souza Leão assinalava que esse fator contribuía para a obstrução do “seu leito, e este fato, repetindo-se anualmente, tornará muito difícil, senão impossível, a desobstrução do rio”. (FREITAS, 1988: 223) Esses dissabores para a efetivação da navegabilidade do Parnaíba foram solucionados, na medida em que o rio tornou-se o centro das discussões, com isso:

Seu leito foi desobstruído, coroas foram removidas e questão do canal do Igararaçu superada. O primeiro prático para o Porto de Amarração foi nomeado em 1854, e, para facilitar suas atividades, foram adquiridas catraias e escaleres. A Capitania do Porto foi estabelecida em 1855. As medidas oficiais tomadas para disciplinar e desenvolver a navegação surtiram efeito. O rio estava, assim, apto à navegação. (REGO, 2013: 75)

No ano de 1870, Manuel José Espíndola Júnior<sup>19</sup>, esclareceu que a Companhia de Navegação colocou a província em fácil comunicação com o litoral e, além disso, oferecia vantagens para o Piauí como o desenvolvimento comercial e, conseqüentemente, a civilização e o progresso para a província. Nesse sentido, observa-se que a navegação a vapor começava a trazer resultados positivos para a província. Ressalta-se ainda que a navegação atraiu também novos moradores para Teresina, visto que havia oportunidades de trabalho em atividades de conserto de navios e embarcações, nos escritórios comerciais e de navegação. Através da obra de memória familiar *Rua da Glória 1*, de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2015: 47), é possível ter-se uma representação da vinda de famílias, como os Monteiro e os Sousa, as quais estiveram empenhadas nas funções da navegação, bem como sua inserção na dinâmica de funcionamento da cidade-capital nascente. (MONTEIRO, 2015: 327) Não obstante as dificuldades, a navegação a vapor deveria ser incentivada, para que pudesse produzir no decorrer dos anos resultados positivos. A sua importância calcula-se pelos rendimentos da alfândega da Parnaíba, que sendo há quatro anos de 120.658\$826, subiram no exercício passado a 267.450\$138. (FREITAS, 1988: 221)

Em 1871, o presidente da Província, Manuel Sousa Leão, esclareceu que a navegação do Rio Parnaíba era feita sem maiores dificuldades, desde as cabeceiras até a barra das Canárias, desde a Parnaíba até a Barra do Canindé (600 Km), e, ainda, até a barra do Parnaíba (1.263 Km), os vapores iam até a Manga. Pelo rio, eram transportadas as mercadorias, uma veia de desenvolvimento piauiense. Entretanto, segundo Manuel Souza Leão, era “de lastimar que, até o presente, não se tenha procurado facilitar a sua navegação, como tive ocasião de avaliar pessoalmente, vindo da Parnaíba até esta capital”.(FREITAS, 1988: 223) Ele apresentou ainda a situação da Companhia de Navegação naquele ano:

[...] possui atualmente dois vapores, o ‘Conselheiro Paranaguá’ e o ‘Piauí’, empregados na navegação mensal até o porto da Parnaíba e de S. Gonçalo e duas vezes no ano até o da Manga. A viagem de ida e volta a Parnaíba tem lugar duas por vezes por mês, a 12 e 22, e é feita em 15 dias, tocando nos portos da União e Repartição (Maranhão), além de outros de menor importância para onde por

19. Governou o Piauí de 5 de maio de 1870 a 25 de dezembro de 1870 (Vice-presidente).

ventura hajam mercadorias. A viagem de ida e volta é em 3 dias”. (FREITAS, 1988: 223)

Posteriormente, em 1882, foi comprado o vapor Conselheiro Junqueira, o qual partiu de Teresina para Santa Filomena, em uma viagem de 32 dias. Outros vapores viriam posteriormente, a exemplo do Piauí, além das barcas Igarçu, Poti e Esperança. Com o desenvolvimento da navegação a vapor, ao fim do século XIX, as cidades de Teresina e Parnaíba se firmaram “como os principais entrepostos comerciais do Piauí, começando a retirar o Piauí, da dependência maranhense através da então próspera Caxias”. (TAJRA; TAJRA FILHO, 1995: 138) Naquele momento, tentou-se fundar outra companhia de navegação, a Companhia de Vapores do Alto Parnaíba. “Dois vapores foram encomendados na Inglaterra: o Amarante e o Santo Estevão. Contudo, pela falta de informações técnicas adequadas, a Companhia fracassou”. (REGO, 2013: 79-80) Manoel Sousa Leão considerava excessivas as despesas da Companhia de Navegação, haja vista que o quadro de funcionários era superior às reais necessidades do serviço do estabelecimento, nem todas eram profícuas:

[...] havendo um pessoal excessivo em relação às necessidades do serviço. Convém, pois, que procure esta acabar com as despesas supérfluas, empregando os seus lucros na aquisição de novos meios de transporte, porque quanto mais vapores tiver, maiores serão os seus lucros, fazendo deste modo, um benefício, não tem poupado sacrifícios para dar-lhe a subvenção anual de 36.000\$000. (FREITAS, 1988: 224)

Em 1872, o periódico *A Pátria* apontava a necessidade de os governantes darem atenção à Companhia de Navegação do Parnaíba, pois aponta que sua administração atendia a interesses particulares:

[...] cuja subvenção anual é de oitenta e quatro contos de réis, só tem servido para uma facção política acomodar seus correligionários, com grave prejuízo para a província, que tem um número tão pequeno de ações, e para os acionistas em geral. Enquanto a Companhia de vapores continuar a ser dirigida com tem sido até agora, é não *laver les houtes* praticadas por aqueles que deviam zelar os seus interesses, o comércio gerará sob o peso do mais ingrato nepotismo. (*A Pátria*, 1872: 1) (Grifo do autor)

Gercinair Gandara assevera que a navegação a vapor trouxe o teor comercial para o rio Parnaíba. E, até a metade do século XX, a economia piauiense teve nas águas desse rio elo entre Teresina e Parnaíba e outras cidades, bem como a criação de cidades-beira tanto no Piauí quanto no Maranhão. (GANDARA, 2010: 116) De modo que, “Os navios a vapor passaram a percorrer assiduamente o rio, integrando comercialmente as cidades do seu vale à cidade de Parnaíba, e esta aos portos brasileiros e do Exterior”. (REGO, 2013, p. 74) Desta maneira, houve um maior tráfego de pessoas e a interpenetração de novas ideias e de novos hábitos, oriundos da costa brasileira, da Europa e dos Estados Unidos os quais foram apropriados pelos habitantes das cidades piauienses. Com isso, havia ganhos para o “comércio, as artes e os costumes dos habitantes, pelo atrito constante da civilização”. (FREITAS, 1988: 185)

A partir de 1860, a cidade de Parnaíba se consolidou como “o principal entrepostocomercial do Piauí e como importante centro do comércio internacional, graças ao espírito empreendedor de suas lideranças empresariais, estimulado certamente por ter a oportunidade do contato com o resto do mundo”. (MENDES, 1995: 73) A partir de 1860, a cidade de Parnaíba se consolidou como principal centro comercial do piauiense e, também um polo de atividades comerciais com o exterior. Isto se deveu ao empenho dos líderes empresariais da cidade. Além disso, a partir dessas relações comerciais, havia maiores possibilidades de contato com o restante do território nacional e com a Europa. O Relatório do Inspetor da Alfândega de Parnaíba, no ano de 1866, explicita a situação do comércio parnaibano:

[...] 178 casas térreas, 10 sobrados, 4 armazéns, espírito comercial empreendedor de especulações em monta, restringindo-se as transações de vulto às casas inglesas de Singlehurst Nicholson & Companhia, e francesa de Naef Nadler & Cia, filial a uma outra do Maranhão e os limitados gêneros de produção são exportados em diminuta escala por cabotagem e se dirigem às praças do Maranhão, e Ceará, já por conta de negociantes desta cidade, ou pela maior do comércio daquelas praças. (GANDARA, 2010: 244)

A transferência da capital e a navegação a vapor do rio Parnaíba desencadearam o crescimento da “população beiradeira”. Pois “às margens desse rio surgiram vários povoados que mais tarde seriam vilas, cidades, empórios comerciais e uma incipiente agricultura com veleidades de comércio exportador, baseado no algodão e no fumo”. (NUNES, 1963: 89-90) Algumas cidades-beira, surgidas às margens piauienses do Rio Parnaíba são: Palmeirais, Amarante, Floriano, União, Buriti dos Lopes, Miguel Alves, Matias Olímpio, Guadalupe e nas margens maranhenses: Timon, São Francisco do Maranhão e Barão de Grajaú. Elas podem ser percebidas e ditas como espaços urbanos que tiveram sua dinâmica histórica intrinsecamente ligada à navegação do Parnaíba. Deste modo, os núcleos urbanos à beira-rio não devem ser pensados somente sob a ótica econômica, pois, são, primeiramente, resultado social. Eles trazem em si o resultado de uma região, com elementos culturais e sociais. (GANDARA, 2010: 210-268)

A despeito disso, para que o processo de reestruturação econômica tivesse êxito e a nova via fluvial se tornasse economicamente viável, era mister que as áreas produtivas da Província respondessem positivamente e aumentassem de forma significativa a atividade econômica. Em resposta a tais anseios, a produção de algodão alcançou, nos anos 70 do século XIX, números animadores. Contudo, somente com a produção extrativista do final do século XIX em diante, o projeto de José Antônio Saraiva mostrou-se verdadeiramente viável e vitorioso.

### **Considerações finais**

As águas representam a fluidez da vida, os devaneios, os caminhos variados de contatos entre distintos territórios e a possibilidade de comunicação. A navegação a vapor mostrou-se desde os tempos coloniais uma alternativa importante para viabilizar o comércio e diminuir as distâncias e relações do Piauí com o restante do território brasileiro e internacional. Tal proposta viabilizou-se, após a mudança da capital piauiense para Teresina, um projeto que caminhava

junto com a viabilidade de aproveitamento das águas do rio Parnaíba,conseqüentemente, maior desenvolvimento urbano e financeiro para a província.

Nesse cenário concretizou-se, o êxito do projeto de aproveitamento das vias aquáticas, com as cidades beiradeiras e o impulso não apenas econômico, mas também social da navegabilidade do rio, associado também ao crescimento extrativista no alvorecer do Oitocentos.

## Referências

### Fontes

COMÉRCIO e navegação. *A Pátria*. Teresina, ano 2, n. 100, 11 maio 1872.

DODT, Gustavo. Relatório de 1871. Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi. *Relatório sobre a exploração dos mesmos, seguidos de uma Memória sobre o Porto de São Luiz do Maranhão por ordem do Sr. Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, Presidente da Província do Piauí*. Relatório de 1871, apresentado à Ass. Geral Legis. Na 4ª sessão da 14ª Legislatura. Publicado em 1872. Ministério da Agricultura. (Ministro Candido Borges Monteiro).

PROVÍNCIA DO PIAUÍ. *Fala com que o Ex.<sup>mo</sup> Sr.Presidente da Província do Piauí Dr. José Ildfonso de Sousa Ramos a Assembleia Legislativa Provincial no dia 7 de julho de 1844*.Oeiras: Tipografia Provincial, 1844.

PROVÍNCIA DO PIAUÍ. *Fala que o Presidente da Província do Piauí Dr. José Antônio Saraiva dirigiu a Assembleia Legislativa Provincial no ato de abertura de sua sessão ordinária em 3 de julho de 1851*. Oeiras: Tipografia Saquarema, 1851.

PROVÍNCIA DO PIAUÍ. *Falla com que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Presidente da Província do Piauí Dr. Antônio Francisco Pereira de Carvalho abriu a Sessão Ordinária da Assembleia Legislativa Provincial no dia 1º de julho de 1854*. Maranhão: Tipografia do Observador, 1854.

### Bibliográficas

ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875*. 2013. Dissertação – Mestrado em História do Brasil. Teresina: UFPI/PPGHB, 2013.

CASTELO BRANCO, Miguel de S. Borges Leal. *Apontamentos biográficos: de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos importantes na província do Piauí*. 2. ed. Teresina/Brasília: APL/Senado Federal, 2012.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *Teresina: subsídios para a história do Piauí*. Teresina: FCMC, 2013.

FREITAS, Clodoaldo. *Histórias de Teresina*. Teresina: FCMC, 1988.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba...cidades-beira (1850-1950)*. Teresina: EDUFPI,

2010.

MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: FCMC, 2003.

MIRANDA, Agenor Augusto de. *Estudos Piauienses*. São Paulo: Nacional, 1938.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória: rumo à cidade nascente (1850-1896)*. v. 1. Teresina: EDUFPI, 2015.

NUNES, Maria Célis Portella; ABREU, Irlane Gonçalves de. Vilas e Cidades. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro (org.). *Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995.

NUNES, Odilon. *Súmula da História do Piauí*. Teresina: Cultura, 1963.

NUNES, Odilon. *Economia e Finanças: Piauí Colonial*. Teresina: COMEPI, [1972].

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí*. v. 1. 3. ed. Teresina: FUNDAPI/FCMC, 2007.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí*. v. 4. 3. ed. Teresina: FUNDAPI/FCMC, 2007.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba – Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2013.

SANTANA, R. N. Monteiro de. *Perspectiva Histórica do Piauí*. Teresina: Cultura, 1965.

TAJRA, Jesus Elias & TAJRA FILHO, Jesus Elias. O comércio e a Indústria no Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (org.). *Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995.

*Artigo submetido em: 05/11/2021*

*Aprovado em: 20/12/2021*